



OCTAVIO IANNI E O GLOBALISMO

OCTAVIO IANNI AND GLOBALISM

Carlos Antonio Mendes de Carvalho Buenos Ayres*

Doutor em Sociologia/Universidade de Brasília

Professor da Universidade Federal do Piauí

E-mail: menayres@ig.com.br

Teresina, Piauí, Brasil

*Endereço: Carlos Antonio Mendes de Carvalho Buenos Ayres

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Ciências Sociais.
Campus Ministro Petrônio Portela, Ininga, CEP: 64049-550, Teresina/PI, Brasil.

Editora: Dra. Marlene Araújo de Carvalho

Artigo recebido em 15/02/2013. Última versão recebida em 15/03/2013. Aprovado em 16/03/2013.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

O presente ensaio é um subproduto do programa governamental “Cátedras IPEA/CAPES para o Desenvolvimento”, implementado na Universidade Federal do Piauí mediante a instituição da *Cátedra Octavio Ianni*, tendo, portanto, Octavio Ianni (1926-2004) como Patrono. Seu foco incide sobre a fase de estudos norteados para a globalização, a globalidade e/ou o globalismo, no início da década de 1990. Trata-se de uma das múltiplas análises possíveis da obra de nosso Patrono dedicadas ao tema do globalismo e sua capacidade de moldar a nova sociedade que se firma e afirma paulatinamente no horizonte histórico da humanidade, que, a exemplo de um pêndulo, tem oscilado do âmbito simbólico da metáfora, da analogia e/ou da utopia, para o âmbito empírico da realidade geo-histórica efetiva. Desse modo, apresenta-se a visão sociológica do Octavio Patrono sobre o globalismo, bem como os fundamentos de uma Sociologia do Desenvolvimento em Escala Mundial, desdobrando-a, para fins heurísticos, em quatro processos concatenados (social, econômico, político e cultural) para, então, reconstituí-los em seus fluxos intercambiais reais, e, assim, conceber um quadro explicativo/compreensivo sucinto que sinalize para a fortuna do pensamento sociológico de Octavio Ianni face aos desafios tanto histórico quanto epistemológico que simultaneamente moldam e tornam inteligível a emergência da modernidade-mundo.

Palavras-chave: Octavio Ianni; sociedade global; globalismo; governança global; ordem supranacional; sociologia do desenvolvimento.

ABSTRACT

The essay is a by-product of a research ran under support of the governmental program "Chairs IPEA/CAPES for the Development", at the Federal University of Piauí with the institution of the **Octavio Ianni's Chair**, having, therefore, Octavio Ianni (1926-2004) as our Patron. It focuses on the phase of his oriented-studies to the globalization, globality and/or globalism, at the beginning of the 1990s. This is one of the multiple possible analyses of Ianni's sociological thinking dedicated to the theme of globalism and its ability to shape the new society that emerges on the contemporary historic horizon of humanity, which has swung as a pendulum from the symbolic ambit of the metaphor, analogy and/or utopia, to the empirical ambit of the effective geo-historical reality. Thus we introduce the sociological view of our Patron on globalism, as well as the foundations of a Sociology of the Development in world scale, unfolding it for heuristic purposes into four combined processes (social, economic, political and cultural) and then rebuild them into its real interchangeable flows, and, therefore, conceiving a brief comprehensive table that shows the fortune of Octavio Ianni's sociological thought in face of the both historical and epistemological challenges that simultaneously shape and make intelligible the advent of the world-modernity.

Key words: Octavio Ianni; global society; globalism; global governance; supranational order; sociology of the development.

INTRODUÇÃO

Esse empreendimento acadêmico lastreia-se, metodológica e epistemologicamente, no pensamento sociológico de Octávio Ianni (1926-2004) acerca dos pressupostos teóricos e prognósticos epistêmicos da realidade do mundo globalizado e a percepção dessa realidade pelas Ciências Sociais, particularmente a Sociologia. Esta última é aqui concebida como *autoconsciência científica da sociedade*, como apregoavam os signatários mais doutos e ilustres da Escola Paulista de Sociologia I, da Universidade de São Paulo: Florestan Fernandes e o próprio Octavio Ianni, respectivamente, mestre e discípulo.

Além das razões morais, filosóficas, ideológicas, utópicas e científicas (metodológicas e epistemológicas) para haurir da imaginação sociológica de Octavio Ianni os fundamentos para a construção de um novo paradigma epistemológico nas Ciências Sociais, em contrapartida a um *novus ordo rerum* que se forma e reforma a cada instante, também contou-se com uma razão institucional, a saber, a criação e coordenação da **“Cátedra Octávio Ianni de Estudos sobre o Planejamento Econômico e Social Governamentais para o Desenvolvimento”**, operacionalizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas – PPGPP e no Departamento de Ciências Sociais – DCIES, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, e sob os auspícios do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES¹.

A justificativa da escolha de Octavio Ianni como Patrono dessa Cátedra passa obrigatoriamente pela própria trajetória intelectual, para então desembocar nas razões pelas quais se optou por tal Mestre, dentre uma plêiade de cinquenta e nove (59) dos maiores pensadores brasileiros. No entanto, por questões de desconhecimento da obra de grande parte dos denominados Patronos, a escolha inicialmente recaiu sobre um pequeno grupo de pensadores, e com pelos menos dois deles o autor do presente projeto chegou a entabular conversões em mais de uma ocasião; é o caso de Gilberto Freire, cuja admoestação foi não se comportar como um amigo seu que deixou de escrever uma grande obra por preguiça, por ocasião de uma visita, a seu próprio convite, o visitamos na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife-PE (1984); e de Manuel Correia de Andrade, por ocasião do Simpósio Internacional Maria Isaura Pereira de Queiroz, promovido pela UNESP/Marília, em agosto de 1994, sob a coordenação da professora Dr^a. Ethel Von Kosminski, sendo que a nossa participação no

¹ Representantes da ANPOCS também foram corresponsáveis pela seleção dos bolsistas do Programa em apreço.

aludido evento deveu-se à longanimidade de nosso então orientador de mestrado na Universidade Federal de Pernambuco, Dr. Roberto Mauro Cortés Motta.²

A escolha não recaiu nem em um nem no outro: o primeiro, Gilberto Freire, devido ao total desconhecimento de seus enfoques culturalistas à sociedade brasileira desde a época de estudante de graduação (1980-1985) e de pós-graduação (1990-1994) em Recife, Pernambuco; o segundo, Manuel Correia de Andrade, apesar de constituir uma das leituras mais influentes sobre o Nordeste as quais foram aproveitadas à exaustão, não contempla nem o objeto desse trabalho nem sua perspectiva teórico-metodológica. Florestan Fernandes, Paulo Freire e Darcy Ribeiro constituíram-se em leituras avulsas sobre os problemas contemporâneos tratados pelas Ciências Sociais. Porém, as leituras das obras de Caio Prado Junior, Celso Furtado e Raymundo Faoro – sobretudo em relação ao primeiro e com menos ênfase com relação ao terceiro – revestiram-se de um caráter mais sistemático e incisivo. A leitura de Euclides da Cunha resulta de estudos sobre os movimentos messiânicos no Brasil, motivados pela elaboração de dissertação de mestrado cujo tema é bastante contraditório tanto no Nordeste quanto no Sul do Brasil, considerando ainda que o fenômeno investigado por este autor inspirou-se nos esforços compreensivistas de Douglas Teixeira Monteiro (1974).

Uma vez finda as referências coadjuvantes, importa, agora, explicitar as razões teóricas, éticas, metodológicas e epistemológicas que justificam a escolha de Octavio Ianni como Patrono de nossos estudos. Elas constituem um rol de motivos e justificativas que é regido por dois critérios: o critério de identidade intelectual em virtude da afinidade com os temas: de um lado, do desenvolvimento nacional, da formação do Estado e do mercado interno, do planejamento econômico governamental, da tecnoestrutura estatal, da sociedade brasileira; e do outro, da sociedade global, da economia transnacional de mercado, da sociedade civil mundial, do capitalismo transnacional, da tecnoestrutura corporativa, da modernidade-mundo etc.; e o critério da afinidade intelectual em virtude da identidade proto-originária (paradigma marxista) e originária (paradigma weberiano) de pensamento sociológico. Uma vez elencadas as predileções temáticas associadas ao primeiro critério, passa-se então à individuação das justificativas com base no segundo critério, a saber:

² Três acadêmicos estrangeiros, bem como acadêmicos nativos estiveram presentes no evento: Achim Schrader, Marion Aubrée e Roberto Cipriano; Manoel Correia de Andrade, Jerusa Pires Ferreira, Marcel Bursztyrn, Daniel Lins, Cesar Barreira, Paulo Henrique Martins, além de ex-orientandos da mestra homenageada.

- Pensamento histórico-crítico, lastreado nas análises e teorias sociológicas de Karl Marx, cujo pressuposto teórico de base é a idéia de que a realidade última da sociedade, no decurso da evolução das sociedades humanas, é o conflito, a contrapelo do princípio do consenso de extração estrutural-funcionalista;
- Ecletismo teórico-metodológico ou epistemológico. Versatilidade nas composições sociológicas de seu tempo, integrando a abordagem idealista/compreensivista na abordagem materialista/explicativa e o fenômeno da racionalização do mundo econômico-social no fenômeno da alienação como ferramentas compreensivistas e explicativas das civilizações, sociedades, coletividades, classes sociais e grupos sociais, ou seja, combina as perspectivas de análise marxiana e weberiana.
- Firmeza na perseverança da adoção da perspectiva histórica (perspectiva empírica e de longa duração que busca tornar menos opacas as rupturas históricas e epistemológicas) em seus estudos sobre os mais variados objetos da sociologia, estratégia metodológica esta em relativo declínio, em prol da sociologia pura ou formal. O declínio da perspectiva histórica no âmbito do pensamento sociológico atual, em relação às estratégias de estudos adotadas pela sociologia do século XIX, coincide com a perda da habilidade de se empreender a análise crítica da ordem social vigente. Por essa razão é que grande parte dos estudos são a-críticos, a-históricos e se apresentam de forma abstrata e formal, ao transitar nos domínios do chamado formalismo abstrato. Assim, o que se ganha em virtuosismo técnico se perde em conteúdo epistêmico (Moore, 1972). “O declínio da perspectiva histórica é algo relativamente generalizado na sociologia e no pensamento social contemporâneos. Um processo que já se havia manifestado incipiente no positivismo de Comte [...] acentua-se posteriormente e parece expandir-se bastante nos tempos atuais” (Ianni, 2011, p. 62).
- Convergência na identificação do clima sociocultural atualmente vigente, a saber, o clima sociocultural da modernidade (ou da modernidade desdobrada, hipermodernidade, tardo-modernidade) a contrapelo da suposta existência do clima sociocultural da pós-modernidade;
- Diversos pontos de convergências quanto ao objeto globalização ou mundialização e seus efeitos colaterais e não colaterais: as “relações, processos e estruturas” do capitalismo globalizado ao mesmo tempo em que fragmenta, ou divide para governar, o mundo hodierno, também funciona como elemento integrador de certas

particularidades inerentes à manutenção ou consolidação das nacionalidades mundo afora;

- O emprego da noção de totalidade, categoria cara ao método dialético, ao lado das noções de mudança e de contradição;
- O largo uso da perspectiva de análise macrossociológica ou totalizante, a exemplo de Marcel Mauss (1974, p. 181; fato social total: “o princípio e o fim da sociologia é perceber o grupo inteiro e seu comportamento global”, pois “o estudo do concreto é o do completo [...]”) e Georges Gurvitch (1977; fenômeno social total). Trata-se de uma tradição de pensamento social que se desenvolveu na esteira da tradição iniciada pelo idealismo alemão de Johann Gottlieb Fichte, Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Johann Gottfried von Herder, bem como pelo naturalismo revolucionário francês, a exemplo de Jean-Jacques Rousseau, e do racionalismo revolucionário de Karl Marx (Alexander, 1987).

Uma primeira apresentação do teor teórico do pensamento sociológico de Octavio Ianni referente à sociologia da globalização, da globalidade ou do globalismo nos leva a deduzir uma Sociologia do Desenvolvimento, agora em escala global. Esta última é integrada por quatro processos de envergadura mundial, a saber, sociais, econômicos, políticos e culturais, ou simplesmente “sociais em sentido amplo” (Ianni, 2004)³. A princípio, tais processos são individuados de modo a permitir uma visão sistemática fragmentária, destacando as explicações teóricas e históricas ilustrativas da modernidade-mundo em gestação, aqui discriminadas segundo dimensões cognitivas específicas e parciais. Na sequência, ensaiou-de uma análise sociológica em que os processos e relações constitutivos da sociedade global são demonstrados em sua intercambialidade orgânica, a título de uma Sociologia do Desenvolvimento em Escala Global. Assim, assentado nos pressupostos teóricos do nobre Patrono, este ensaio deve ser concebido como um esboço parcial de parte de sua obra, de maneira a propiciar impressões, descrições e intuições acerca da performance do globalismo em sua função de escultor da segunda modernidade, ou modernidade-mundo.

³ Esta fórmula expressa uma **Metassociologia** (Ianni, 2011), ou uma Sociologia Geral, que também é explicitada em dois ensaios de sua obra consagrada ao tema da violência: “O Cidadão do Mundo” e “Fundamentalismo e Expansionismo” (Ianni, 2004).

A SOCIOLOGIA DA GLOBALIZAÇÃO

Em virtude de uma constante transformação estrutural e sistêmica, a asseidade do capitalismo, compreendido como modo de produção e processo civilizatório, propende a desfigurar-se, configurar-se e reconfigurar-se num revolver perene, conduzindo a mudanças nos quadros sociais e mentais de referência de sociedades, instituições, coletividades e indivíduos. A esse processo, o insigne Patrono dá o nome de globalização, globalidade ou **globalismo**, que, “[...] visto como um vasto e predominante processo histórico-social, econômico, político e cultural”, expressa a transição da sociedade nacional, ou modernidade-nação, para a sociedade global, ou modernidade-mundo (Ianni, 2004, p. 28). A título de análise heurística, “a *sociedade nacional* é o emblema sob o qual nasce a sociologia no século XIX”, que estende sua influência durante todo o século XX, bem como ainda se faz ativamente presente neste início de século e milênio (Ianni, 2011, p. 265), e que correspondente ao paradigma clássico das Ciências Sociais e da Sociologia, enquanto a sociedade global, aqui concebida como paradigma emergente, do mesmo modo que o próprio globalismo, é o mais novo emblema sob o qual se desenvolve as Ciências Sociais e a Sociologia do século XXI, que por sua vez conflui com a fase de um novo ciclo da revolução burguesa em escala mundial, e na esteira de um novo ciclo de desenvolvimento do capitalismo em fase avançada de globalização.

Octavio Ianni destaca a abundância de estudos, teorias e modelos de explicação/compreensão científica nas Ciências Sociais que privilegiam os aspectos microsociológicos, ao mesmo tempo em que observa quão esquálidas são as investigações sociais abrangentes (construção de modelos teóricos gerais); totalizantes (coarticulação dialética entre as dimensões macro e micro: totalidade mesossociológica, conforme os termos de uma realidade social eleita como um sistema autodemarcado); e, sobretudo, metateóricas (alto grau de generalização, abrangência e integração, determinando diretamente a transdisciplinaridade; a superação dos contrapontos dualistas particular/universal, micro/macro, consenso/conflito etc.; bem como a sujeição dos paradigmas clássicos a um projeto epistemológico que examine com vagar a validade empírica e a adequação teórica de cada um deles perante os acontecimentos humanos e naturais que se sucedem aos borbotões, manifestando na modernidade-mundo uma multifacetada expressão teratológica).

Assim, a Sociologia da Globalização postulada por Octavio Ianni pressupõe e abrange a Sociologia do Desenvolvimento em Escala Global. Ambas constituem expressões teórica e epistemológica, metodológica e histórica delineadas no quadro geral dos estudos realizados

pelo nobre Patrono desde o início da década de 1990. Uma vez subsumida na temática mais ampla da sociologia do globalismo, este que constitui o megaprocesso escultor da sociedade mundial em gestação, a Sociologia do Desenvolvimento se manifesta como um exame totalizante e sintético, orientado para focalizar os multiprocessos sociais, econômicos, políticos e culturais empíricos abrangentes, a saber, os processos de sociabilidade e de jogos de forças sociais; os processos globais de concentração e centralização do capital; os processos de democratização das estruturas do poder mundial; e os processos de transculturação que atravessam todas as sociedades humanas em interdependência constante; todos eles conformadores de uma totalidade geo-histórica chamada sociedade global, que por sua vez constitui uma síntese, e não uma soma, das sociedades nacionais. E se aqui são apresentados como processos aparentemente separados é por razões meramente didáticas, pois é na dinâmica da articulação dialética entre eles que se torna visível a gestação e o desenvolvimento da *sociedade civil mundial* e de seu corolário, o *cidadão do mundo*. Examine-se, então, de cada um deles.

FORMAS DE SOCIABILIDADE E JOGOS DAS FORÇAS SOCIAIS: AS BASES SOCIETAIS DA SOCIEDADE GLOBAL

Para Octavio Ianni (2004), o globalismo, como um novo palco da história, um novo mapa do mundo e um vasto cenário metateórico, é marcado por uma renitente história de guerras transfiguradas em revoluções/contra-revoluções, golpes de Estados/quarteladas (arranjos/rearranjos de sistemas imperialistas, sublevações populares em prol da descolonização, revoluções nacionais e sociais) e se manifestam enquanto lutas de classes conforme distintas “formas e soluções políticas”, a saber: liberalismo, nazi-facismo, corporativismo, social-democracia, socialismo e comunismo; democracia, tirania e cidadania; gêneros, etnias, religiões, línguas e diferentes modos de expressão da organização sócio-técnica do trabalho e da produção, bem como diferentes estratégias econômicas e comerciais (produção, distribuição, troca e consumo).

De pronto, o que se torna evidente no desdobramento histórico do pensamento sociológico Ianni é que os processos de geração de novas formas de sociabilidade, assim como os processos de ampliação dos jogos de forças sociais, são processos conformadores da sociedade global. Ambos são produtos da conjugação da divisão transnacional do trabalho com o reordenamento e a intensificação das transações comerciais e financeiras mundiais. Provém deles o fermento que galvaniza a luta de classes em escala global, por sua vez fator

de uma guerra civil permanente de proporções planetárias, paralelamente ao advento de um novo ciclo de expansão do capitalismo, e, conseqüentemente, de um novo ciclo da revolução burguesa, bem como de seu indissociável antípoda – um novo ciclo da revolução socialista, em contraposição ao neoliberalismo e ao nazi-facismo; e ambas as revoluções são classificadas na categoria de revoluções mundiais (Ianni, 2004). É o que nos ensina Octavio Ianni (2004, p. 16-17):

Esses tempos são de luta de classes, em escala nacional e mundial. São tempos de uma *guerra civil mundial permanente*, endêmica e aberta, moderada e violenta, por dentro e por fora das guerras localizadas e mundiais. Sim, por todo o século XX, e entrando pelo século XXI, o que se verifica é uma *revolução social permanente*, subjacente às mais diversas formas de integração e fragmentação, acomodação e contradição, sempre envolvendo classes e facções de classes, grupos étnicos, de gênero, religiosos e outros; na maioria dos casos, transbordando das fronteiras nacionais, avançando além de fronteiras continentais”.

A sociedade civil mundial é constituída por classes sociais e grupos sociais (burguesia mundial/humanidade neossocialista), bem como por estruturas globais de poder (corporações transnacionais e organismos multilaterais); desenvolve-se na esteira do novo ciclo de globalização, ou surto de expansão, do capitalismo, ou seja, de um novo ciclo ou surto de expansão das forças e relações produtivas em escala mundial; e, por fim, traz consigo os “[...] signos, símbolos e emblemas socioculturais que podem ser tomados como indícios de uma cultura mundial” (Ianni, 2004, p. 126). E nesse diapasão, as diversidades e as desigualdades tendem a turbinar as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, preparando o terreno para a lavratura da “globalização da questão social”, que, por sua vez, se traduz por “[...] uma globalização na qual estão presentes as contradições trabalho e capital, etnias, gêneros, religiões, línguas e outras; sem esquecer as diferentes manifestações da contradição sociedade e natureza” (Ianni, 2004, p. 31).

No que concerne aos significados socio-histórico-estruturais, filosóficos, éticos, semiológicos, e propriamente científicos, emanados dos movimentos e configurações (o contraponto passado, presente e futuro) da sociedade global em formação, ou da totalidade geo-histórica chamada globalismo, Octavio Ianni vislumbra uma catalização de processos e relações que conduz a uma fase intensiva e extensiva de “desencantamento do mundo” (visão social de mundo técnico-científica), radicalizando-o de tal forma, e a ponto de retransfigurá-lo em um “reencantamento do mundo” elevado a um nível superior de expressão semiológica. Este reencantamento do mundo é formulado a partir da congregação dos “estilos de

pensamento” das Ciências Sociais, assim como da Sociologia, a saber, histórico-crítico, sistêmico e fenomenológico/compreensivista, os quais são submetidos a uma análise metateórica: a superação dialética das perspectivas teóricas clássicas, o foco de pesquisa de grande envergadura, a transdisciplinaridade e a superação dos clássicos contrapontos singular/universal, micro/macro, parte/todo, passado/presente, espaço/tempo, pequeno relato/grande relato. Assim, as condições e possibilidades de “reencantamento do mundo” apenas consolidam-se “[...] quando a alienação cede lugar à emancipação, quando a emancipação compreende a transparência nas relações entre uns e outros; coisas, gentes e idéias (sic); modo de ser, sentir e agir, pensar, compreender, explicar, realizar, fabular” (Ianni, 2004, p. 33). Trata-se da “globalização da questão social”, ou “globalização desde baixo”, operacionalizada por intelectuais orgânicos⁴ a um *novus ordo rerum* que se enuncia via protestos sociais de caráter neossocialista, em contraposição à “globalização pelo alto”, que retrata a dinâmica contrarrevolucionária e ‘revolucionarizante’ da burguesia transnacional associada, visando a promoção do capitalismo ao *status* de religião secular, uma rele ideology⁵ de extração neoclássica com pretensões catolicisantes ou universais.

CONCENTRAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO DO CAPITAL: REDE TRANSNACIONAL DE INFRAESTRUTURA ECONÔMICA

Octavio Ianni diferencia três épocas ou ciclos básicos de grande envergadura na trajetória histórica do capitalismo como modo de produção e processo civilizatório: o capitalismo em moldes nacionais, a exemplo de uma autarquia; o capitalismo nacional voltado para transações comerciais e financeiras com o mercado externo, designado como imperialista, ou constitutivo da economia-mundo; e o capitalismo globalizado, transnacional ou supranacional (2008, p. 37). Para ele, esta última época ou ciclo de expansão das forças e relações de produção experimenta um impulso na reprodução ampliada do capital que pode ser mensurada a partir de dois processos globais gêmeos, os processos de concentração e de

⁴ Antonio Gramscy (Portelli, 1977) distingue os intelectuais orgânicos, que são aqueles técnicos ou pessoal especializado que constituem as bases estratégicas essenciais à edificação de um novo bloco histórico, e os tradicionais, aqueles que se tornaram atores coadjuvantes frente às implacáveis transformações sócio-históricas.

⁵ No sentido aqui evocado, ideologia é sinônimo da falsa consciência, conforme definição de Karl Marx (1993). Antonio Gramscy, por sua vez, define a ideologia a partir de quatro elementos: filosofia, senso-comum, religião e folclore (Portelli, 1984), postulando a idéia de uma dupla ideologia, a da classe dirigente e a da classe subalterna.

centralização do capital, fatores explicativos indispensáveis à compreensão do globalismo enquanto “totalidade geo-histórica” e “cenário metateórico”.

A concentração do capital consiste na ininterrupta reintrodução no ciclo do processo de produção do lucro obtido através da exploração de mais-valia da força de trabalho. Trata-se da majoração do capital das empresas via capitalização da mais-valia produzida por elas mesmas (reinscrição constante no circuito produtivo). Assim, a concentração do capital implica num esforço que se caracteriza pelo primado da geração de poupança para o investimento. A centralização do capital, por sua vez, diz respeito a uma tendência crescente à agregação de capitais individuais mediante a transferência de direitos de controle a algum outro agente ou grupo de agentes. As fusões e aquisições de empresas caracterizam um sistemático processo mercantil, industrial e financeiro tendente ao oligopólio e/ou ao monopólio, uma vez que determina uma imediata eliminação de parcelas fragilizadas da concorrência. Além do mais, os processos de concentração e centralização do capital tanto podem ser compreendidos como processos associados à performance do capital, aqui considerados como fatores responsáveis pela realização empírica do desenvolvimento desigual, combinado e contraditório do capitalismo global, quanto como conceitos teóricos fundamentais ao deslindamento do globalismo (Ianni, 2010).

Nesse sentido o globalismo transparece como o modelador da sociedade global, tornando-a, ora mais visível e grosseira, quando é vislumbrada a partir da perspectiva de suas condições materiais de existência, ora invisível e sutil, quando norteia-se o olhar cognoscente para a dimensão das condições espirituais de existência, e que, através dos referidos processos gêmeos, determina as circunstâncias histórico-estruturais em que as restrições físico-temporais são suplantadas, franqueando a ação do Estado em horizontes extraterritoriais sem com isso deflagrar qualquer choque jurídico entre soberanias, nem tampouco incursão político-militar. O veículo utilizado para essa movimentação tanto real quanto virtual é a circulação mundial de mercadorias, e, em um nível mais elevado de penetração sutil, o movimento de translação do capital financeiro. Em outros termos, trata-se do fenômeno crescente da constituição das grandes corporações transnacionais via processos globais de fusões e aquisições, desvelando, assim, a desterritorialização generalizada da política.

DEMOCRATIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS DO PODER MUNDIAL: GOVERNANÇA GLOBAL MULTIPOLAR

Os contornos morfoinstitucionais/organizacionais e geopolíticos da sociedade tardo-moderna transcendem os decrépitos limites territoriais vinculados aos conceitos tradicionais de poder e de Estado no contexto geral da ordem tardo-westfaliana. Mas apesar de o Estado nacional ainda representar um importante núcleo indutor de ação social (orientações cívicas, governamentais e geopolíticas), os limites impostos por sua circunscrição territorial não são mais adequados enquanto quadro analítico de explanação das minudências dos processos e relações “sociais em sentido amplo”, que assinalam as sociedades nacionais. Desse modo, o quadro analítico atual ampliou-se ao nível planetário, que por sua vez deixou de ser apenas um referencial astronômico de um corpo celeste para tornar-se território da humanidade e, por extensão, da história universal e do pensamento global (Ianni, 1997); e, estes últimos, de metáfora em realidade geo-histórica (Ianni, 2003).

Octavio Ianni (2004) elaborou reflexões acerca das condições e possibilidades do federalismo. Ele esclarece que na época do globalismo destacam-se três principais polarizações, que por sua vez se expressam dinamicamente a partir de três configurações histórico-sociais específicas, a saber, nacional, regional e mundial; donde conclui que “já está em marcha uma espécie de federalismo mundial” (Ianni, 2004, p. 64). E concomitante a este último, “[...] está em marcha o que se pode definir como federalismo regional”, pois são múltiplas “[...] as organizações multilaterais regionais, por meio das quais se desenvolvem a formação e o desenvolvimento de fins e meios formulados de maneira a atender à dinâmica econômica de países associados” (Ianni, 2004, p. 65).

Assim, observados numa macroperspectiva de análise, “[...] os federalismos nacional, regional e supranacional integram a “mesma nebulosa”, a “mesma configuração histórico-social” ou a “mesma totalidade geo-histórica” (Ianni, 2004, p. 68). E ainda que estes federalismos tenham sido ideologicamente orientados pelo *mainstream* do neoliberalismo, aqui e acolá, Octavio Ianni (2004, p. 69) vislumbra a emergência de “[...] tendências incipientes em outras direções, tais como social-democráticas e mais propriamente socialistas”. Em suma, aquelas três principais polarizações do federalismo constituem

[...] expressões distintas e similares, umas vezes convergentes, e outras alhéias ou antagônicas, por meio das quais se manifestam dilemas e perspectivas de um novo mapa do mundo. Um

mapa no qual tudo parece situado, evidente, explicado; no entanto, inquietante, surpreendente, atravessado por outros e novos significados” (Ianni, 2004, p. 68).

Na medida em que se amplia a agenda normativa internacional compromete-se a visão pluralista clássica da ordem mundial, por sua vez baseada no reconhecimento mútuo da soberania nacional. Assim, na esfera das relações transnacionais pode-se conceber o conceito de governança através de uma abordagem abrangente e integrativa como sendo a constituição e manutenção de instituições sociais cujas regras de controle objetivam evitar ou estabilizar os transtornos sociais, econômicos, políticos e culturais, mediante a edificação de uma ordem social dotada de comando e controle horizontalizado. É o que se pode chamar de governança sem governo, e que concerne à construção e tentativa de manutenção de um modelo específico de coordenação e articulação das ações e atividades político-comerciais e econômico-financeiras transnacionais, classificadas como atividades fundamentais e rotineiras, e originalmente concebidas segundo a doutrina político-diplomática proto-westfaliana.

O ritmo de processamento das mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais no mundo contemporâneo, e que também incluem as transformações estruturais, funcionais e dialéticas no âmbito contingente do sistema social e respectivos subsistemas econômico, político e cultural, propende a acelerar-se na medida do aperfeiçoamento dos meios cibernéticos associados aos meios telemáticos, bem como da proliferação e intensificação dos processos e relações de intercâmbio comercial e de cooperação entre as nações. Com isso, os processos, relações e estruturas de dominação e exercício do poder traçam uma trajetória centrífuga cada vez mais tendente à democratização no âmbito global das relações supranacionais. De todo modo, os processos de democratização das estruturas do poder mundial basicamente se revelam através da multipolaridade política (participação do maior número dos Estados-nação na tomada de decisão no âmbito dos organismos multilaterais mundiais; macroperspectiva) e da cidadania global, enquanto corpo político coletivo mundial (universalização positivada dos direitos humanos; microperspectiva).

TRANSCULTURAÇÃO DAS SOCIEDADES: HUMANIDADE E HISTÓRIA UNIVERSAL

No pensamento sociológico de Octavio Ianni, a sociedade civil mundial manifesta em si mesma, por dentro e por fora, os indícios de uma cultura genuinamente mundial, ou seja,

“uma cultura que parece um caleidoscópio surpreendente, simultaneamente labiríntico e articulado, vivo e em movimento, atravessado por processos civilizatórios antigos e recentes [...]”, no âmbito dos quais “[...] valores como: liberdade e igualdade, equidade e justiça, democracia e cidadania, emancipação e desalienação” despontam tanto como “necessários e ideais” quanto como “reais e imaginários” (Ianni, 2004, p. 126). Assim sendo, a sociedade civil mundial, que manifesta em si mesma uma cultura de índole mundial, compreende um macroconjunto de culturas nacionais, regionais e mundiais.

Ao tratar da interação global entre as culturas mundiais, bem como de suas histórias, no mundo moderno e contemporâneo, Octávio Ianni (2003) lança mão do conceito de transculturação, através do qual identifica os múltiplos desdobramentos materiais e espirituais da sociedade humana que proporcionam a construção de uma sociedade verdadeiramente global, compreendida, portanto, numa mesma história universal, que por sua vez engendra o pensamento social global; e tudo isso no âmbito de um cosmopolitismo crescente e hibridizado. Nesse sentido, surgem “novos desenvolvimentos da transculturação”, que consistem em ingentes processos socioculturais e/ou civilizatórios de grande envergadura que interagem com os igualmente ingentes processos sociais, econômicos e políticos de igual magnitude e extensão que visam decifrar os enigmas da modernidade-mundo. Em linhas gerais, tais processos de transculturação, além de configurarem um fenômeno típico da democratização da/cultura mundial, atravessam todas as sociedades humanas em interdependência constante através da dinâmica interativa entre processos básicos, ou seja, processos concomitantemente transculturais, envolvendo a ocidentalização, a orientalização, a africanização e a indigenização do mundo. É o que observa Octavio Ianni (2003, p. 99-100), logo a seguir:

Este é o desafio: a história dos povos e coletividades, das nações e nacionalidades ou das culturas e civilizações pode ser lida como uma intrincada, contínua, reiterada, e contraditória história de um vasto processo de transculturação, de par com a ocidentalização, a orientalização, a africanização e a indigenização. Um processo sempre permeado de identidades e alteridades, tanto quanto de diversidades e desigualdades, mas compreendendo sempre o contato e o intercâmbio, a tensão e a luta, a acomodação e a mutilação, a reintegração e a transfiguração.

Na medida em que as sociedades nacionais são imperiosamente envolvidas em um jogo permanente e acelerado de intercâmbio e cooperação social, econômico, político e cultural pode-se concluir que se esta em face de uma verdadeira transculturação, sobretudo porque nela se encontram decisivamente expostos vários dilemas e enigmas, tais como Novo

Mundo e Velho Mundo, Ocidente e Oriente, Islamismo e Cristianismo, África, Comunismo e Capitalismo etc. É, pois, com o propósito de iluminar tais dilemas e enigmas que Octavio Ianni (2003) aventa a possibilidade de *Os Lusíadas*, de Luis de Camões, ser o discurso fundador da ocidentalização do mundo, uma vez que enuncia o mesmo espírito das cruzadas da cristandade, em que se mesclam fé e comércio, cruz e espada, conquistador e missionário. Para ele, a poética dos primórdios da modernidade consiste num discurso interminável formulado em prosa e verso, crônica e relato, monografias e ensaios, linguagens artísticas e linguagens científicas; constituído mediante processos socioculturais, modos de vida e de trabalho, vivências e consciências, bem como de realidades e imaginários, associadas a diversas modalidades de transculturação, e apresenta-se tanto como monólogo e diálogo, polifonia e cacofonia, bem como utopia e nostalgia. Portanto, para Octavio Ianni (2003) a transculturação em curso “ao longo da história e ao largo da geografia” é uma formação imprecisa e indecisa, evidente e presente que carrega em seu bojo a gênese de uma cultura em escala planetária, terreno da humanidade, que propicia a emergência do inglês como língua mundial e que suscita uma diversidade de traduções, narrativas, metanarrativas e fabulações.

MOMENTOS E CONFIGURAÇÕES DO GLOBALISMO

Como bem ensina o grande historiador das religiões Mircea Eliade (1907-1986; 1993, p. 1), estribado na verve epistemológica de Jules Henri Poincaré (1854-1912), a ciência moderna resgatou um princípio duramente combatido no século XIX, aquele que postula que “*é a escala que cria o fenômeno*”. Esse princípio encontra uma melhor explanação na autoinquirição irônica formulada por esse grande matemático, a saber, “Um naturalista que só tivesse estudado um elefante ao microscópio acreditaria conhecer completamente este animal?”. Se considerar apenas a escala microscópica obter-se-ia uma “resposta hesitante”, lastreada na constatação positiva de que se trata de um organismo pluricelular, entre outras constatações mais profundas, ao passo que em nível de uma escala macroscópica, ou escala visual humana, “não há hesitação possível”, uma vez que ela possui o mérito de definir o paquiderme como fenômeno eminentemente zoológico (Eliade, 1993, p. 1). O microscópio revela, ou deixa a descoberto, a dinâmica e o designer estrutural das menores unidades constitutivas do corpo físico dos seres vivos de todas as espécies e gêneros, as células. Independentemente de o microscópio ser do mesmo modelo daquele utilizado por Antonie van Leeuwenhoek (1632-1723) ou por Robert Hooke (1635-1703), no estudo das unidades minúsculas chamadas células, ou ser a expressão do que se tem de mais moderno em

tecnologia de microscópios óticos e eletrônicos, fica patente que a escala “cria” o fenômeno de duas formas conectadas, quais sejam: quando o decompõe em fractais infinitesimais e quando o situa em seu ambiente natural circundante. Assim, o máximo da informação tornada possível pelo alcance de qualquer microscópio, obsoleto ou não, é insuficiente para fornecer ao sujeito cognoscente uma imagem real do mundo que confira sentido ontológico autoevidente à realidade em que se vive, circunscrevendo-as não apenas ao reino biológico dos minúsculos fragmentos de DNA, mas também ao reino zoológico. Desse modo, as distinções entre escalas não servem para maniqueizá-las, a título de um falso dilema. Elas servem para suplantar os contrapontos micro/macro, demonstrando que a visão unilateral nunca é a visão que mais se aproxima, fidedignamente, do conceito deontológico e epistemológico da verdade, no intercurso comunicativo da racionalidade substantiva (reino dos valores) com a racionalidade teórica (reino do conhecimento) (Weber *apud* Khalberg, 1980).

Assim, seguindo essa lógica, a intensa e extensiva expressão econômica do capitalismo globalizado requer a confecção de um estatuto cognitivo de grande envergadura que inclui, paralelamente, um surto de expansão da burguesia mundial, bem como de seu antípoda sociopolítico, ou seja, um surto de expansão do neossocialismo de igual magnitude. Tal é, portanto, o contexto sócio-histórico-estrutural em que se manifestam os momentos e as configurações (o fluxo ininterrupto do tempo através de ações, escolhas e decisões sociais pretéritas, presentes e futuras) que conformam a sociedade global (Ianni, 2003). E o corolário disso tudo é que a autoconstituição de uma organização social de magnitude mundial demanda mecanismos de equilíbrio no quadro geral das relações entre entidades institucionais formais e não-formais, governamentais e não-governamentais, multilaterais ou não, bem como entidades de toda ordem e gênero. Em outros termos, trata-se da formulação e institucionalização de uma nova arquitetura do poder mundial e corresponde a um regime de governança em transição que, a título de efeito demonstração, tende a ser mimetizado paulatinamente pelas circunscrições territoriais locais, segundo o ritmo ditado pelas exacerbadas e já rotineiras transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que assinalam indelevelmente o mundo contemporâneo.

O globalismo implica a interação dialética e mediata entre o capitalismo global, enquanto infraestrutura econômica, e a sociedade civil mundial, enquanto superestrutura social, política e cultural da sociedade global em ritmo acelerado de formação. Assim, da mesma forma que o capitalismo mundializado resulta da disseminação generalizada de instituições e valores, princípios e marcos regulatórios, novas formas de sociabilidade e novas

modalidades de jogos das forças sociais, sob tensão constante, bem como seus reflexos nos cérebros dos atores sociais em geral, ele também exerce uma influência incisiva e imperativa de retorno sobre tais componentes supraestruturais, dando azo a dois tipos conflitantes possíveis de globalização da questão social, a globalização pelo alto (contrarrevolução capitalista) e a globalização desde baixo (revolução neossocialista).

Por um lado, o globalismo acelera as interconexões nervosas que fazem proliferar os processos e relações no interior das estruturas institucionais, conduzindo, pois, à sua reformatação. Por outro, trilha uma aventura lógica e histórica em escala global, revelando uma tendência forte a exacerbar a racionalização formal e instrumental co-constitutivas da sociedade global em gestação. E um dos corolários do desdobramento multidimensional do globalismo é o capitalismo globalizado que, ao se espriar pelos quadrantes do mundo de forma combinada, desigual e contraditória, exacerba de tal modo o *desencantamento do mundo* que evoca em si e contra si um movimento semiológico diverso: o *reencantamento do mundo*, expresso pela nostalgia, pela ideologia, pela utopia, ou por uma miscelânea delas. Por essa razão é que a denominada “Primavera Árabe” (Tunísia, Egito, Líbia, Jordânia, Argélia, Djibuti, Bahrein, Iêmen, Síria, entre outros), além de consistir na resultante de uma conjugação de fatores convergentes, destacando-se entre eles as tensões cívico-religiosas, as migrações forçadas, os atentados contumazes, as desigualdades sociais acentuadas que geram exponencialmente mais fome e pobreza, as contradições econômicas e políticas nacionais, regionais e mundiais (o aumento de valor das *commodities* alimentícias e energéticas), bem como as questões de cunho ambiental e climático, consiste num fenômeno coletivo de massa bastante emblemático para a compreensão da institucionalização de um possível reencantamento do mundo no contexto global da modernidade-mundo. E é justamente na dinâmica dos fluxos e influxos de tais eventos, acontecimento e fatos de extensão mundial que desponta, segundo Octavio Ianni (2004), a emergência de uma nova preocupação da epistemologia das Ciências Sociais tardo-modernas, particularmente da Sociologia, ambas classificadas como produtos da expansão de seu objeto tradicional de estudo, que, outrora radicado numa problemática nacional, agora transfigura-se numa problemática global, e que traz em si os germes da prenúnciação de um Estado supranacional.

A princípio, Octavio Ianni (2008, p. 41; grifo não original), através da primeira obra de sua trilogia dedicada ao fenômeno do globalismo, “A Sociedade Global”, originalmente publicada em 1992, postulou a ideia segundo a qual “a noção de Estado supranacional pode ser apenas uma metáfora”, de modo que “[...] o que parece ser um esboço, ou promessa, de Estado supranacional, poderia ser não mais que uma instância de expressão da sociedade

global em formação”. Porém, os acontecimentos de setembro de 2001, com o consequente enfraquecimento da hegemonia norte americana e europeia, bem como a intensificação dos processos e relações sociais, econômicos, políticos e culturais que configuram o globalismo no princípio da década de 2000, compeliram Octavio Ianni a imprimir uma inflexão teórico-epistemológica que abre alas para o teorema logístico do Estado supranacional que, da condição ontológica de ser não mais que uma metáfora, oscila para a condição de realidade geo-histórica em gestação célere à cata de ser não mais que um truísmo, dado o seu caráter cada vez mais autoevidente. Além do mais, suas análises sobre o federalismo mundial em curso assinalam para a edificação de uma estrutura governamental mundial, compreendida esta como princípio unificador de um Estado planetário, por sua vez no âmbito de um regime de governança global com governo ou governança pública mundial. Assim sendo, a forjadura da ideia de Estado supranacional no pensamento sociológico de Octavio Ianni, no curso das duas últimas décadas, sofreu uma inflexão de sentido ou conotação de significado histórico específico: de “instância de expressão” subsidiária da sociedade global (década de 1990) ao *status* de “individualidade geo-histórica” totalizante (década de 2000), a exemplo do capitalismo proto/tardo-moderno, do próprio Estado-nação e da cidade ocidental, conforme a heurística epistemológica de Max Weber (2006; Aron, 1985).

A conjugação da formação da sociedade civil mundial com o cosmopolitanismo crescente e com a emergência de uma ordem supranacional soberana propicia as condições para o florescimento de novas formas de sociabilidades; para o desabrochamento total do capitalismo até atingir “[...] o seu ponto culminante de difusão e, paradoxalmente, para seu ponto terminante, ou seu ponto de dissolução” (Buenos Ayres, 2004, p. 453), mediante uma superação dialética, assim como para o advento de uma ordem mundial multipolar, ou policentrada (*policentricity*); e para a realização de novas modalidades de transculturação. Não é à toa que as circunstâncias históricas hodiernas estão favorecendo uma maior aproximação entre o Oriente e o Ocidente. E dentre as múltiplas modalidades emergentes de processos de transculturação que se entrecortam em todas as direções e sentidos na modernidade-mundo, em virtude do surto de racionalização e de transnacionalização que tende a acometer cada vez mais a sociedade global, uma delas tem maior probabilidade de afirmação e consolidação como visão sociorreligiosa salvacionista do mundo, ou teodiceia global emergente – a doutrina indiana do Karma, ou transmigração das almas (*metempsychose*), com base na lógica de retribuição ética (culpa ou mérito), uma vez que constitui a resposta formalmente mais perfeita acerca da questão da inteligência da legitimação religiosa do homem no mundo (Weber, 1991; Berger, 1985). A título de ilustração, trata-se de uma dentre

as muitas possibilidades e combinações histórico-estruturais e socioculturais resultantes dos novos desenvolvimentos do fenômeno da transculturação em nossos instáveis e conturbados dias. Ela se traduz pela confluência entre o orientalismo (Índia) e o ocidentalismo (Brasil) (Ianni, 2003), ou, em termos empíricos específicos, pela confluência entre os movimentos transnacionais do hinduísmo (doutrina da transmigração das almas) e do espiritismo (crença na reencarnação dos espíritos).

No sentido acima, então, a transculturação constitui um fenômeno sócio-histórico que pressupõe em si mesmo a emergência da edificação de uma estrutura de valores compartilhados que sirva de referente para uma nova concepção universalista do mundo. Assim sendo, o imperativo de formulação de uma ética global já constitui uma tendência irreversível dada à indispensabilidade de um *ethos* coletivo pró-ética que informe crescentemente o pensamento social global, e que sirva de esteio moral (conduta ética individual) para o comportamento coletivo das pessoas mundo afora.

Enfim. O novo ciclo ou surto de expansão do capitalismo, o novo ciclo de globalização da burguesia, a nova luta de classes em nível planetário, o novo ciclo de expansão do neossocialismo, a formação da sociedade civil mundial, o advento do cidadão do mundo, entre outros, são fenômenos históricos e teóricos correlatos que resvalam para a ressignificação da democracia enquanto conceito de vocação mundializado, bem como de interfaces com o neoliberalismo, agora em sua fase terminante. Esses fenômenos, ou processo e relações, evocam um momento histórico que faz com que a sociedade civil mundial convirja com a democracia política e social, agora ressignificada enquanto “possibilidade e quimera” da modernidade-mundo (Ianni, 2004, p. 127). Logo, a proliferação exponencial de uma diversidade de unidades institucionais transnacionais, públicas, paraestatais e/ou privadas, bem como dos princípios e valores cultuados por elas, constitui as fibras neurais que permitem o funcionamento das conexões organizacionais e dos aludidos processos e relações, uma vez que tecem a trama da tessitura da sociedade mundial, conforme uma logística incipientemente delineada, mas que já sinaliza para uma transição no regime de governança global atualmente vigente no mundo.

De todo modo, as bases societais da sociedade global, a rede de infraestrutura econômica transnacional, a governança global multipolar e o advento da humanidade e da história universal enquanto configuração geo-histórica concreta constituem fatores coarticuláveis e centrais no projeto ingente de explanação instrumental da sociedade planetária que se anuncia *hic et nunc*. Esta, portanto, parece ser a tarefa da *sociologia* “em

sentido amplo”, ou *Sociologia Geral*, enquanto *autoconsciência científica da sociedade global*, aqui disposta em conformidade com o pensamento de Octavio Ianni.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As justificativas acerca da escolha do Patrono de nossa Cátedra com relação ao critério de identidade intelectual em virtude da afinidade temática a qual foi referida nos prolegômenos do ensaio em apreço congregam a temática nacional (modernidade-nação) na temática transnacional (modernidade-mundo). Estas duas unidades de análise tendem a convergir de maneira a propiciar a compreensão do processo de gestação da ordem social mundial, sob os fluxos e influxos do capitalismo global que se configura de modo desigual, combinado e contraditório. Mediante sucessivas aproximações/ampliações do prisma sociológico, ou seja, daquele visor cognitivo multifacetado ou multifocal que abarca a dinâmica da “realidade social em sentido amplo”, Octávio Ianni buscar tornar inteligível a lógica subjacente à ciranda das coisas, gentes e idéias em permanente evolução, revolução e contrarrevolução.

Os desdobramentos qualitativos mais recentes do globalismo enquanto processo-mor condutor das ingentes transformações nos quadros de referências mentais – ou *estrutura de plausibilidade*, diria Peter Berger (1985) – de pessoas, grupos, coletividades, instituições e organizações foram deflagrados pela primeira grande crise financeira global de 2008 (hipertrofia do sistema financeiro), corroborando inequivocamente a fortuna das teses globalistas de Octavio Ianni. Por essa razão, é bastante significativo que as obras de Octavio Ianni dedicadas à temática da globalização, globalidade ou globalismo sejam prenunciadoras de uma modernidade-mundo cujo traço mais destacado é a velocidade de interação (negociação) entre uma diversidade enorme de atores políticos globais, institucionais (públicos, paraestatais e privados) e/ou não institucionais.

O percurso discursivo desse ensaio nos orientou-se pelos pressupostos teóricos de Octavio Ianni, segundo o qual a sociedade global constitui, simultaneamente: “uma totalidade problemática, complexa e contraditória, aberta e em movimento”; “o cenário mais amplo do desenvolvimento desigual, combinado e contraditório”; “um momento epistemológico fundamental, novo e pouco conhecido” da trajetória histórico-cognitiva das Ciências Sociais, agora compelidas a revisar as categorias, as conceituações e as interpretações atualmente em voga, bem como a formulação de sucedâneas, absoluta ou relativamente compatíveis com a originalidade histórica desse novo palco da história em apreço (Ianni, 1997, p. 204, 205, 192;

2003; 2004; 2011). Logo, a inteligibilidade da sociedade global se realiza através de novos paradigmas metateóricos e taxinômicos que propiciam a focalização analítica nos momentos e configurações geo-históricos em escala planetária, para daí compreender os intensos e extensos processos de concentração e de centralização do capital, sem descuidar dos demais processos que compõem a Sociologia do Desenvolvimento Global inspirada nas elucubrações epistêmicas do já citado Patrono.

Resumindo. Os acontecimentos sociais, econômicos, políticos e culturais que assinalam a década de 2010 apontam para reviravoltas “sociais em sentido amplo” (Ianni, 2004) que cada vez mais se exprime mediante o vírus da violência generalizada, que por sua vez pressupõe seu antídoto ou utopia, evocando, assim, a promessa do reencantamento do mundo. Eles consistem em processos e relações conexos que se exprimem nas crises econômico-financeiras, nas exclusões e desigualdades econômicas e sociais, nas contradições e nos conflitos de governança e governabilidade políticas, no sectarismo religioso, nas disputas por territórios e por miríades de matérias-primas, nas degradações ecológicas, nas migrações compulsórias, assim como nos fluxos e refluxos, na acomodação e confronto e na integração e fragmentação dos povos do mundo. E tais processos e relações dão azo a estruturas de dominação e apropriação que englobam “[...] diretamente as condições e as possibilidades de construção e reconstrução da soberania, da hegemonia, da cidadania e da democracia, em escala nacional e mundial”, além de determinar as configurações e os movimentos da sociedade global enquanto novo palco da história, no âmbito do qual a política se reterritorializa (Ianni, 2011, p. 233).

Assim sendo, a instilação mútua e generalizada entre os quatro processos acima delineados pode ser demonstrada das mais variadas formas, uma vez que se encontram tão intrincados que as causas e os efeitos do desdobramento de um constituem as causas e efeitos do desdobramento do outro. De maneira que compreendê-los conjugadamente permite deslindar-se o cometa globalismo em toda a sua plenitude cambiante, aqui concebido tanto como emergência de estruturas mundiais de poder, quanto como emergência de uma incipiente, porém evidente, sociedade civil mundial (Ianni, 2011). Esta, pois, constitui uma dentre outras missões a ser desincumbidas no âmbito da *Cátedra Octavio Ianni*, cujo propósito geral consiste na disseminação do pensamento sociológico de um dos primeiros clássicos das tardo-modernas Ciências Sociais Globais.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey. (1987), "From Reduction to linkage: the long view of micro-macro debates". In: ALEXANDER, Jeffrey *et alii*, (org.), *The Micro-Macro Link*, Smelsen, California, University of California Press.

ALIGICA, Paul D. & TARKO, Vlad. (2012), "Polycentricity: From Polanyi to Ostrom, and Beyond". *Governance: An International Journal of Policy, Administration, and Institutions*, Vol. 25, 2, 237-262.

ARON, Raymond. (1985), *Les Étapes de la Pensée Sociologique*. 2.º Dépôt legal, Paris, Éditions Gallimard.

AUGÉ, Marc. (1994), *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira, Campinas, Papirus.

BERGER, Peter Ludwig. (1985), *O dossel sagrado: elementos para uma teoria religiosa da religião*. Organização de Luiz Roberto Benedetti, tradução de José Carlos Barcellos, São Paulo, Ed. Paulinas.

BOBBIO, Norbert. (1999), *As ideologias e o poder em crise*. Tradução de João Ferreira, revisão técnica Gilson C. Cardoso, 4ª edição, Brasília, Editora Universidade de Brasília.

BOURDIEU, Pierre. (1973), *Le métier du sociologue: prealables epistemologiques*. Paris, Mouton Éditeur.

BUENOS AYRES, Carlos Antonio Mendes de Carvalho. (2004), "Democratização da administração pública e o ocaso do paradigma estadocêntrico no Brasil". *Revista Brasileira de Direito Constitucional*, n. 3, 447-469.

ELIADE, Mircea. (1993), *Tratado de história das religiões*. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes, São Paulo, Martins Fontes.

GURVITCH, Georges. (1977), "Objeto e método da sociologia". In GURVITCH, Georges (Org.). *Tratado de sociologia*, São Paulo, Martins Fontes, 15-50.

IANNI, Octávio. (1997), *Teorias da globalização*. 4ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

_____. (2003), *Enigmas da modernidade-mundo*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

_____. (2004), *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

_____. (2010), *A era do globalismo*. 10ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

_____. (2011), *A sociologia e o mundo moderno*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

MAUSS, Marcel. (1974), *Sociologia e antropologia*. São Paulo, vol II, EPU/EDUSP.

KHALBERG, Sthepen. (1980), “Max Weber’s types of rationality: cornerstone for the analysis of rationalization process in history. *American Journal of Sociology*, Chicago, 85, 5.

MARX, Karl. (1993), *A ideologia alemã*. Tradução de José C. Bruni e Marco A. Nogueira, 9ª edição, São Paulo, EDITORA HUCITEC.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. (1974), *Errantes do novo século*. São Paulo, Livraria Duas Cidades.

ORTIZ, Renato. (2006), *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo, Brasiliense.

PORTELLI, Hugues. (1977), *Gramsci e o bloco histórico*. Tradução de Angelina Peralva, 5ª Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____. (1984), *Gramsci e a questão religiosa*. Tradução de Luiz João Galo, revisão de Luiz Roberto Benedetti, 2ª Edição, São Paulo, Ed. Paulinas.

WEBER, Max. (1991), *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, vol. I. Tradução de Regis e Karen E. Barbosa, revisão técnica de Gabriel Cohn, Brasília, Editora Universidade de Brasília.

_____. (2006), *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais*. Tradução, apresentação e comentários de Gabel Cohn, São Paulo, Editora Ática.

ZACHER, Mark W. (2000), “Os pilares em ruína do templo de Vestfália: implicações para a governança e a ordem internacional”. In ROSENAU, James N. & CZEMPIEL, Ernst-Otto (Org.), tradução de Sérgio Bath, *Governança sem governo: ordem e transformação na política mundial*, Brasília, Editora Universidade de Brasília; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado.